

Características de coletivos comunicacionais periféricos na América Latina: elementos estruturantes, potencialidades educomunicativas e desafios para as políticas públicas¹

Juliana Salles de SOUZA²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

No campo da comunicação popular, alternativa e comunitária (PERUZZO, 2009a; 2009b), coletivos de comunicação têm emergido nas periferias, em especial a partir do início do século XXI. Com discursos focados em temáticas sobre, para e a partir dos territórios periféricos, tais grupos lutam, entre outros itens, pelo direito à comunicação. Nesse contexto, o objetivo geral do artigo é enumerar características em comum entre coletivos de comunicação atuantes nas periferias de diferentes nações latino-americanas. O objetivo específico é verificar como a ausência de definições de coletivos de comunicação ou, de forma específica, de coletivos comunicacionais periféricos afeta a disponibilidade de políticas públicas específicas para esses atores sociais das periferias urbanas e urbano-rurais. Apropriação territorial, valorização das memórias, busca pela concretização de uma comunicação para os bem-viveres e dificuldades de sustentabilidade financeira estão entre as características desses grupos.

PALAVRAS-CHAVE: bem-viver; coletivo de comunicação; educomunicação; periferia; política pública.

INTRODUÇÃO

Nas periferias latino-americanas, grupos produzem conteúdos jornalísticos, audiovisuais e em outras linguagens comunicacionais com foco em abordar assuntos sobre, para e a partir dos territórios periféricos (D'ANDREA, 2020a; 2020b; 2021; HAESBART, 2020; 2021; RODRIGUES, 2022; SANTOS, 1993; 1996; 2009; 2012; 2017; ZIBECCHI, 2008). Coletivos comunicacionais periféricos são considerados como novos protagonismos midiático-jornalístico-culturais (OLIVEIRA, 2018) caracterizados, entre outros itens, pela produção sobre, para e a partir das periferias, compartilhamento

¹ Trabalho apresentado no GP Pensamento Comunicacional e Cultural Latino-americano, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda no Programa Interunidades em Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (USP), linha de pesquisa Comunicação e Cultura. Mestre em Ciências pelo PROLAM-USP, linha de pesquisa Comunicação e Cultura, com a dissertação “Entre Quebradas e Comunas: Educomunicação Popular e Periférica em São Paulo e Medellín”. E-mails: julianasalles@usp.br; jusalles94@gmail.com.

de vivências associado a descobertas dentro dos próprios territórios, a ressignificação territorial, apropriação de novas tecnologias da informação e da comunicação (NTICs), articulações em redes, valorização e registros de memórias, além da busca pela garantia de direitos humanos - em especial - do direito à comunicação - e da cidadania comunicativa (SOUZA, 2019). Nesse contexto, a nomenclatura “coletivo de comunicação” é utilizada em países latino-americanos como Argentina, Bolívia, Brasil, Cuba, Colômbia, Equador, Guatemala, México, Peru, Uruguai, entre outros.

Dentro desse contexto, emerge o questionamento: quais são os elementos essenciais e estruturantes para a construção de uma definição sobre coletivos periféricos de comunicação? Nesse contexto, o objetivo geral do artigo é enumerar características em comum entre coletivos de comunicação atuantes nas periferias de diferentes nações latino-americanas. O objetivo específico é verificar como a ausência de definições de coletivos de comunicação ou, de forma específica, de coletivos comunicacionais periféricos afeta a disponibilidade de políticas públicas específicas para esses atores sociais das periferias urbanas e urbano-rurais.

A investigação está em andamento e tem resultados preliminares baseados em investigação bibliográfica, documental, em mapeamentos virtuais de coletivos de comunicação e em pesquisas-ação realizadas na chave de entrevistas semiestruturadas e sistematizações de experiências (JARA-HOLLIDAY, 2012; 2015; 2019). Trata-se também da ampliação e aprofundamento de resultados de investigações realizadas com coletivos de comunicação desde 2015 (SOUZA, 2015; SOUZA, 2019), inicialmente circunscritas à cidade de São Paulo, posteriormente ampliadas para Medellín (Colômbia) e, desde 2020, vinculadas a, pelo menos, 16 países da América Latina. O artigo está estruturado em três seções: na primeira, busca-se destacar algumas definições de coletivos de comunicação já existentes; na segunda, aborda-se as lacunas de financiamento desses grupos nas políticas públicas, com foco em casos da Cidade do México e de São Paulo; na terceira, enumera-se elementos estruturantes e essenciais que uma definição de coletivos de comunicação latino-americanos deve conter.

COLETIVOS DE COMUNICAÇÃO: CONCEITO EM CONSTRUÇÃO

Entre as contribuições para o aprofundamento do conceito de coletivo de comunicação, é possível encontrar os estudos de Durán Gutierrez (2012), Gladys Lucia

Acosta Valencia (2016) e Ángela Garcés Montoya (2016)³. A produção bibliográfica de autores colombianos sobre a temática justifica-se pela quantidade de coletivos de comunicação existentes nas periferias de diferentes cidades do país, tais como Bogotá, Medellín e Cali. No mapeamento em andamento feito no contexto dessa investigação acadêmica, a Colômbia é o país latino-americano com concentração dessas formas de agrupamento⁴, resultado também influenciado pela presença de políticas públicas de financiamento e incentivo a tais grupos, mais presentes no país a partir da década de 2010. Para Acosta Valencia (2016), práticas de comunicação, educação, articulação e organização interna específicas contribuem para a definição de coletivos:

Os coletivos de comunicação, esses horizontes juvenis, cheios de força, desejo e significado. Esses coletivos conseguiram derramar no rio essa vitalidade, esse enraizamento nos territórios das margens, essa solidariedade e sensibilidade para acompanhar os que sofrem, para estar ao lado dos despossuídos, dos deslocados; essa confiança que é tecida com a base social da comunidade; essa maneira de tecer vínculos, de abrir caminhos; Esse ímpeto de confrontar e revelar as máscaras do poder; de resistir, de insistir, de persistir; eles são guerreiros das margens, mas suas armas são as tintas com as quais desenham os mapas dos bairros; as memórias nas histórias populares; as câmeras com as quais estão prontos para registrar abusos de autoridade, despejos; os microfones para levantar suas vozes contra aqueles que tentam silenciá-los. Os coletivos estão atentos aos ritmos da comunidade, aos tempos e espaços dos eventos; estão alertas, são os guardiões que zelam pelos sonhos nos bairros populares, nas periferias. São mediadores que entenderam que comunicação é uma arma para a transformação, para a emancipação. (ACOSTA VALENCIA, 2016, p. 12-13, tradução nossa)

A partir de estudos da atuação de coletivos de comunicação na região de Magdalena Medio (Colômbia), Orley Reinaldo Gutiérrez (2012) analisa que tais atores coletivos

emergem da esfera da participação como uma das formas de organização social mais utilizadas por diferentes setores sociais para exercer maior controle sobre os processos de informação e comunicação em seus próprios contextos, fortalecer sua capacidade de se expressar e facilitar seu acesso à mídia cidadã para a mudança social. Os coletivos de comunicação são essencialmente uma proposta de estrutura social usada por diferentes setores de cidadãos locais para formalizar sua participação na produção de mídia comunitária, em que seus membros têm o único objetivo de se apropriar do processo de comunicação (DURAN GUTTIÉRREZ, 2012, p. 2)

³ Debate trazido originalmente na dissertação “Entre quebradas e comunas: educomunicação popular e periférica em São Paulo e Medellín” (SOUZA, 2019).

⁴ Dos 197 coletivos mapeados até abril de 2023, 22,3% são colombianos.

Trata-se de grupos que se organizam de formas mais horizontais e menos hierarquizadas, em busca de uma gestão estratégica de processos de comunicação e em uma vinculação política com o território (cf. GARCÉS MONTOYA, 2016). Acosta Valencia complementa que

Os coletivos de comunicação operam como um sujeito coletivo que, por um lado, atualiza práticas, com base na apropriação e no gerenciamento de mídias alternativas, cidadãs ou comunitárias. Por outro lado, é um sujeito - um projeto que promove (por meio de processos de treinamento e da promoção de formas de relacionamento) a constituição de sub-subjetos que se relacionam entre si. de relações) a constituição de subjetividades individuais (ACOSTA VALENCIA, 2016, p. 110)

Apesar da existência de pesquisas e ensaios que abordam a temática dos coletivos de comunicação em territórios latino-americanos, o conceito encontra-se em disputa e ainda necessita de mais elementos empíricos para ser adensado. Nesse contexto, inclusive, o processo de mapeamento teve relação direta com a motivação para a formulação do problema de pesquisa do artigo, uma vez que, no processo, a pesquisadora foi confrontada pela pergunta: “essa iniciativa é um coletivo de comunicação?”. Essa dificuldade decorre do fato de que, por vezes, os grupos precisam configurar-se oficialmente como corporações de comunicação, produtoras de jornalismo e até como organizações não-governamentais (ONGs), a fim de expandirem formas de financiamento e de sobrevivência.

Nesse âmbito, outros questionamentos emergiam, tais como: seriam os princípios de tendência à horizontalidade, trabalho coletivo e busca pela democratização da comunicação suficientes para declarar um grupo como coletivo? Quais critérios usar para diferenciar ONGs e coletivos, uma vez que ambas declaram explicitamente a ausência de fins lucrativos? E se um grupo quer sobreviver financeiramente com as atividades de um coletivo, mas, ao mesmo tempo, caminhar em prol de um projeto político emancipatório nas periferias, como se pode denominá-lo?

DIFICULDADES DE FINANCIAMENTO: A RELEVÂNCIA POR POLÍTICAS PÚBLICAS

Além disso, diante de dificuldades de financiamento e da busca pela manutenção de atividades (edu) comunicativas nos coletivos (CAIRES, 2022), as políticas públicas emergem como possibilidade de sustentabilidade de processos. No entanto, ainda faltam programas específicos e garantidos por lei que financiem especificamente coletivos comunicacionais periféricos. A dificuldade em caracterizá-los é um dos fatores que distancia tais grupos da conquista de programas específicos de financiamento. Por exemplo, duas das principais cidades da região latino-americana, São Paulo e Cidade do México, ainda não contam com políticas públicas dessa natureza, situação que gera movimentos para a inclusão de iniciativas desse tipo na agenda governamental (SECCHI, 2013; FUSTER, 2019) e/ou aperfeiçoamento de políticas já existentes nas duas metrópoles supracitadas e em outras localidades. Desse modo, observa-se processos de concorrência por fomentos entre coletivos de comunicação e grupos dedicados a expressões culturais diversas (dança, teatro, música, entre outras), cujas atividades têm naturezas diferentes, e de exigências de editais incompatíveis com as práticas de coletivos comunicacionais, de modo a gerar precarização, “degradação e exploração desmedida do trabalho cultural de diversos coletivos (...)” (SAÁS KALPOLI, 2023). Um dos relatos de dificuldades vem de São Paulo e está presente no livro *Repórter da Quebrada: Experimentações Marginais nas Práticas Jornalísticas* e é um exemplo das dificuldades que coletivos e organizações sociais têm para realizar processos educomunicativos nas periferias:

Os caminhos percorridos com Repórter da Quebrada tiveram momentos desafiadores. Sem recursos financeiros, equipe pequena e com os perrengues periféricos do dia a dia se fazendo presentes, o método resistiu ao tempo e chega aos 13 anos de existência em 2022 (PERIFERIA EM MOVIMENTO, 2022, p. 8).

No documentário *Periferias Insurgentes*, desenvolvido pelo Observatório de Coletivos Culturais das Periferias de São Paulo (OCCP-CELACC-USP), Aline Rodrigues, do grupo *Periferia em Movimento*, destacou a importância de políticas públicas direcionadas para os coletivos e grupos semelhantes. Para ela, a concorrência com projetos de outras linguagens artísticas dificulta o impulsionamento de projetos dedicados à comunicação (PERIFERIAS INSURGENTES, 2020). Diante de tais demandas, vindas de diferentes regiões latino-americanas, faz-se necessário buscar elementos estruturantes para a definição mais completa desse fenômeno social.

COLETIVOS DE COMUNICAÇÃO: APROPRIAÇÕES TERRITORIAIS E BEM-VIVERES

No contexto neoliberal, a atuação territorial dos coletivos é vinculada a resistências com relação à concentração de recursos em territórios centrais e escassez deles nas periferias, desse modo, são mobilizados recursos informacionais para tais territórios, bem como são construídas narrativas para ampliar conhecimentos e diálogos sobre, para e a partir das periferias. Em outras palavras, a cultura, a comunicação e a educação tornam-se processos de resistência à globalização como perversidade, expressão usada por Milton Santos (2009). Assim, os coletivos contribuem também para concretizar as periferias como potências de ação política.

Nesse contexto, tais *sujeitas e sujeitos periféricos*, que compõem os coletivos de comunicação, são caracterizados pelo orgulho em pertencer e vivenciar territórios periféricos urbanos e urbano-rurais. Trata-se de uma pessoa portadora de subjetividades periféricas, assujeitada às opressões existentes em tais territórios. A ação política de *sujeitas e sujeitos periféricos*, tal como sujeitos históricos que vivenciam as periferias urbanas desde a década de 1990, período possui características próprias, tais como: (1) utilização de periferia como classe; (2) periferia, periférica, periférico e favela como posicionamento político-territorial; (3) organização em coletivos; (4) arte e cultura política; (5) de objeto de estudo a sujeito de conhecimento; (6) sistematização da própria história; (7) fim da necessidade de mediadores; (8) do estigma ao orgulho; (9) relevância dos debates sobre opressões raciais e de gênero; (10) consciência ecológica e de direitos de LGBTQIA+; (11) diferença como bandeira: o direito à diferença; (12) era digital; e (13) agentes e processos sociais distintos (D'ANDREA, 2020). No contexto de organização em coletivos, a educação e a comunicação adquirem protagonismo como dois campos para a concretização do agir político desses indivíduos. A frequente presença de processos educacionais demonstra preocupação com a luta pelo direito à comunicação e a busca pela formação de multiplicadores críticos, identificados também com o conceito de *sujeitas e sujeitos periféricos* (D'ANDREA, 2020) e até mesmo intelectuais periféricos (OLIVEIRA, 2021).

Nesse âmbito de atuação, foi possível analisar que, entre os elementos essenciais e estruturantes existentes entre diferentes formas de definição de coletivos de comunicação a presença de práticas comunicativas sobre, para e a partir das periferias,

valorização das memórias, apropriação e vinculação territorial, com compartilhamento de vivências, presença de pressupostos freireanos nas práticas comunicacionais e educomunicativas (FAUNDEZ; FREIRE, 1985; FREIRE, 1992; 2000; 2002; 2011; 2019; FREIRE; NOGUEIRA, 1993; FREIRE; GADOTTI; GUIMARÃES, 1995; JACKIW; HARACEMIV, 2021; LIMA, 2021; SOARES, 2022; SOARES, 2019) para a construção processual de um projeto político de emancipação das periferias e existência de princípios do bem-viver (ACOSTA, 2016; ALCÂNTARA, 2017; BARRANQUERO-CARRETERO; SAÉZ-BAEZA, 2015; 2017; CONTRERAS, 2014; 2016; ESCOBAR; CHAPARRO, 2020; FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, 2016; HLOUSEK ASTUDILLO; DÍAZ ESTEVES, 2020; LIZARAZO, 2012; MORA, 2019; VANDELBUCKE, 2017), com vistas a concretizar uma comunicação para os bem-viveres (OLIVEIRA; SOUZA, 2023).

A relação entre coletivos de comunicação, práticas comunicativas e educomunicativas e bem-viveres é uma das potências que pode contribuir para a conceituação dos coletivos. A noção de bem-viver é considerada como uma emergência epistemológica do Sul Global (CONTRERAS BASPINERO, 2016) e tem sido considerada como uma alternativa de resistência resgatada e construída a partir das ancestralidades de diversos povos latino-americanos.

Por meio da noção de bem-viver – ou, em uma versão pluralizada, de bem-viveres, a fim de demonstrar melhor a diversidade de raízes dessa noção em construção –, compreende-se que características como a harmonia (consigo mesmo, com outros seres humanos e com a natureza), o reconhecimento da natureza como sujeita de direitos, o rompimento com o antropocentrismo em favor do cuidado com a natureza, a busca pela descolonização e pela vida digna, valorização da coletividade e dos vínculos comunitários são características também inerentes aos coletivos. Nesse cenário, compreende-se como viável analisar os coletivos como expressões da comunicação e da educomunicação para os bem-viveres, por conta da perspectiva de questionamento das desigualdades e do destaque dado às práticas comunitárias e sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São elementos essenciais e estruturantes para a construção de uma definição sobre coletivos periféricos de comunicação a vinculação e destaque dado ao território nos

discursos, a valorização das memórias, o compartilhamento de vivências, as inspirações nas pedagogias de Paulo Freire e a busca pela construção de um projeto de emancipação das periferias. Além disso, grupos desse tipo podem contar com iniciativas de educomunicação, a fim de ampliarem o alcance dos debates que já realizam em seus processos e produtos comunicacionais. No tocante ao financiamento, um dos principais desafios para a realização e sustentabilidade dos coletivos, compreende-se que a existência de políticas públicas direcionadas a esse público, com editais construídos a partir de conceitos possíveis de coletivos de comunicação, é uma iniciativa que pode potencializar as iniciativas periféricas e dar mais elementos para o planejamento das ações de *sujeitas e sujeitos periféricos*.

Os próximos passos da pesquisa, ainda em andamento, incluirão entrevistas semiestruturadas com pesquisadores (as) que investigam o campo da comunicação popular, alternativa e comunitária no Brasil (PERUZZO, 2009a; 2009b; 2017a; 2017b) e nos outros quatro países nos quais haverá coletivos entrevistados, a fim de conhecer a percepção atual deles sobre o conceito e comparar as respostas dadas em relação a pontos convergentes e divergentes. Essa proposta visa contribuir com a construção mais polifônica do conceito de coletivo de comunicação.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto. **O bem-viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. S.l.: Autonomia Literaria; Elefante Editora, 2016.
- ACOSTA VALENCIA, Gladys L. **Cavilaciones en torno a un diálogo de saberes** In: ACOSTA VALENCIA, Gladys L.; PINTO ARBOLEDA, María C.; TAPIAS HERNANDÉZ, César A. (orgs.). **Diálogo de Saberes en Comunicación: Colectivos y Academia**. Medellín: Universidad de Medellín; Sello Editorial Universidad de Medellín; Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina. Ediciones CIESPAL, Corporación para la Comunicación Ciudad Comuna; Corporación Pasolini en Medellín; Corporación Con-vivamos, 2016.
- ALCÂNTARA, Liliane Cristina Schlemer et al. Bem Viver: discussões teórico conceituais. **Revista Pensamiento Actual**, v. 17, n. 28, 2017. Disponível em: <<https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/pensamiento-actual/article/view/29548/29644>>. Acesso em: 30 set. 2022.
- BARRANQUERO-CARRETERO, Alejandro; SAEZ-BAEZA, Chiara. Comunicación y buen vivir: La crítica descolonial y ecológica a la comunicación para el desarrollo y el cambio social. **Palabra Clave**, Chia, v. 18, n. 1, p. 41-82, Jan. 2015. Available from <[8](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0122-</p></div><div data-bbox=)

82852015000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 maio 2023.
<https://doi.org/10.5294/pacla.2015.18.1.3>.

BARRANQUERO-CARRETERO, Alejandro; SAÉZ-BAEZA, Chiara. Latin American Critical Epistemologies toward a Biocentric Turn in Communication for Social Change: Communication from a Good Living Perspective. **Latin American Research Review**, v. 52, n. 3, pp. 431–445, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.25222/larr.59>>. Acesso em: 20 out. 2022.

CABRAL, María Cristina. Aportes de la comunicación popular al Buen Vivir. **Revista Tram (p) as de la Comunicación y la Cultura**, n. 75, dez. 2013. Disponível em: <<http://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/34418>>. Acesso em: 30 set. 2022.

CAIRES, Mariana de Sousa. **Jornalistas periféricos: modos de fazer e financiamento das atividades**. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas e Sociais) - Universidade Federal do ABC, São Bernardo do Campo, 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ufabc.edu.br/mobile/detalhe.php?idioma=ptbr&acesso=web&codigo=124460&tipo=1&detalhe=0&busca=3>. Acesso em: 15 jun. 2023.

CONTRERAS BASPINERO, Adalid. **Aruskipapxañanakasakipunirakisipawa** In: SIERRA CABALLERO, Francisco; MALDONADO, Claudio (coords.). **Comunicación, Decolonialidad y Buen Vivir**. Quito: CIESPAL, 2016.

CONTRERAS, Adalid. **De la comunicación y desarrollo a la comunicación para el vivir bien**. Ecuador: Universidad Andina Simón Bolívar, 2014.

D'ANDREA, Tiaraju. **40 ideias de periferia**. São Paulo: Dandara, 2020 (2020b).

D'ANDREA, Tiaraju. Contribuições para a Definição dos Conceitos Periferia e Sujeitas e Sujeitos Periféricos. **Novos estud. CEBRAP**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 19-36, abr. 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002020000100019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 jun. 2022. Epub June 10, 2020. <https://doi.org/10.25091/s01013300202000010005>.

D'ANDREA, Tiaraju Pablo (org.). **Reflexões Periféricas: propostas em movimento para a reinvenção das quebradas**. São Paulo: Dandara; Centro de Estudos Periféricos, 2021.

DURAN GUTTIERRÉZ, Orley Reinaldo. Los colectivos de comunicación ciudadana: una apuesta loca de participación comunitaria para el cambio social. Estudio de casos múltiples. **Perspectivas**, n. 5, p. 1-15, 2013. Disponível em: <<http://library.fes.de/pdf-files/bueros/la-comunicacion/14282.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2023.

ESCOBAR, Arturo; CHAPARRO, Manuel. Divergencias, alternativas y transiciones de los modelos y las comunicaciones para el buen vivir. **Chasqui**, n. 144, p. 19-36, ago-nov. 2020. Disponível em: <<https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/4375/3362>>. Acesso em: 14 out. 2022.

FAUNDEZ, Antonio; FREIRE, Paulo. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. (Coleção Educação e Comunicação)

FERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, Benito. Educación popular y “Buen Vivir”: interacciones en lo pedagógico. **Revista Digital**, n. 10, p. 15-28, 2016. Disponível em: <<http://educacionglobalresearch.net/wp-content/uploads/EGR10-01-Fern%C3%A1ndez-Castellano.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2022.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em processo. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 69. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo; GADOTTI, Moacir; GUIMARÃES, Sérgio. **Pedagogia**: diálogo e conflito. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FREIRE, Paulo. Papel da educação na humanização. **Revista da FAEEBA**, Salvador, n.7, jan/jun 1997.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que Fazer** - Teoria e Prática em Educação Popular. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

FUSTER, Danilo André. Formação da Agenda: Modelo de Múltiplos Fluxos. **TCMSP - Escola Superior de Gestão e Contas Públicas**, São Paulo, 20 maio 2019. Disponível em: <<https://escoladecontas.tcm.sp.gov.br/artigos/1877-formacao-da-agenda-modelo-de-multiplos-fluxos>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

GARCÉS MONTOYA, Angela. **Modos de apropiación del territorio desde el audiovisual etnográfico y comunitario** In: GARCÉS-MONTOYA, Ángela Garcés; JIMÉNEZ-GARCÍA, Leonardo Jimenez. **Comunicación para la movilización y el cambio social**. Medellín: Universidad de Medellín; Sello Editorial Universidad de Medellín; Centro Internacional de Estudios Superiores de Comunicación para América Latina. Ediciones CIESPAL, Corporación para la Comunicación Ciudad Comuna; Corporación Pasolini en Medellín; Corporación Con-vivamos, 2016.

HLOUSEK ASTUDILLO, R.; DÍAZ ESTEVES, V. Comunidades para la educomunicación. **Revista Reflexión e Investigación Educativa**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 87–101, 2020. Disponível em: <<http://revistas.ubiobio.cl/index.php/REINED/article/view/4504>>. Acesso em: 14 oct. 2022.

JACKIW, E.; HARACEMIV, S. M. C. Educomunicação e alfabetização midiática: diálogos freireanos na América Latina. **Práxis Educativa**, [S. l.], v. 16, p. 1–21, 2021. DOI: 10.5212/PraxEduc.v.16.16614.031. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16614>>. Acesso em: 14 out. 2022.

JARA HOLLIDAY, Oscar. La sistematización de experiencias. Entrevista con Oscar Jara Holliday. **Revista Perspectiva: Estudios Sociales y Educación Cívica**, n. 18, jan.-jun. 2019, p.1-18. Disponível em:<<https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/perspectivas/article/view/12126/16797>>. Acesso em: 29 jun. 2023.

JARA HOLLIDAY, Oscar. “La sistematización de experiencias produce un conocimiento crítico, dialógico, transformador”. **Revista Docencia**, n. 55, mai. 2015. Disponível em: <<http://www.cepalforja.org/sistem/bvirtual/wp-content/uploads/2015/06/Entrevista-Oscar-JaraRevista-Docencia.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2023.

JARA HOLLIDAY, Oscar. **La sistematización de experiencias, práctica y teoría para otros mundos posibles**. San José, C.R.: Centro de Estudios y Publicaciones Alforja, CEAAL, Intermon Oxfam, 2012.

LIMA, Venício A de. **Paulo Freire: a prática da liberdade, para além da alfabetização**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021.

LIZARAZO, Nelsy. **Comunicación Popular y Buen Vivir: caminos desde el futuro** In: ALER. **Comunicación Popular y Buen Vivir: Memorias del Encuentro Latinoamericano**. Quito: ALER, 2012. Disponível em: <<https://dspace.ups.edu.ec/bitstream/123456789/5571/1/Comunicacion%20popular%20y%20buen%20vivir.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2022.

MORA, Aura Isabel. **Buen Vivir/ Vivir bien**. Aportes a la comunicación-educación In: PEREIRA G., José Miguel. **Buen vivir, cuidado de la casa común y reconciliación**. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2019. Disponível em: <<https://repository.javeriana.edu.co/bitstream/handle/10554/44332/Catedra%20buen%20vivir%20taco.pdf?sequence=2&isAllowed=y>>. Acesso em: 21 jul. 2020.

OLIVEIRA, Dennis de. **Insurgências culturais e políticas e a emergência do intelectual periférico** In: OLIVEIRA, Dennis de et al.. **Periferias Insurgentes: ações culturais de jovens nas periferias de São Paulo**. São Paulo: Instituto de Ensino Avançados, 2021.

OLIVEIRA, Dennis de. **Novos protagonismos midiático-culturais: a resistência à opressão na sociedade da informação**. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 15., 2017. **Anais Eletrônicos do 15o Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. São Paulo: ECA-USP, 2017. Disponível em: <<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2017/paper/viewFile/581/547>> . Acesso em: 30 mar. 2023.

OLIVEIRA, Dennis; SOUZA, Juliana Salles de. **Educomunicação, decolonialidade e bem-viveres: trajetos de formação de *sujeitas e sujeitos periféricos*** In: SILVA, Dayana K. Melo da; LAGO, Claudia. **Educomunicação e outras epistemologias**. São Paulo: Paulus, 2023.

PERIFERIA EM MOVIMENTO. **Apresentação** In: RODRIGUES, Aline (org.). **Repórter da Quebrada: Experimentações Marginais nas Práticas Jornalísticas**. São Paulo: Associação Periferia em Movimento, 2022.

PERIFERIAS INSURGENTES. Produção do Observatório de Coletivos Culturais das periferias de São Paulo. IEA, 2020. 1 vídeo (18 minutos). Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/midiateca/video/filmes/periferias-insurgentes>>. Acesso em: 16 ago. 2023.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 17, p. 131-146, jun. 2009 (2009a). Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3996/399641243011.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária e as reelaborações no setor. **ECO-Pós**, v. 12, n. 2, maio-ago 2009 (2009b), p.46-61 (2009b).

Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/947>. Acesso em: 28 mar. 2022.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Interseções entre Comunicação e Educação em Práticas Organizativas Comunitárias** In: SOARES, Ismar de Oliveira; VIANA, Claudemir Edson; XAVIER, Jurema Brasil. **Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural**. São Paulo: ABPEducom, 2017. Disponível em: <<http://www.abpeducom.org.br/wp-content/uploads/2018/05/Livro-Educom-pagina-a-pagina.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2022 (2017a).

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Ideias de Paulo Freire aplicadas à Comunicação popular e comunitária. **FAMECOS**, Porto Alegre, v. 24, n.1, jan-abr. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2017.1.24207>>. Acesso em: 15 out. 2022 (2017b).

SAÁS KALPOLI. A la opinión pública. Colectivos Culturales Comunitarios y sus Bases y Reglas de Operación. **Facebook**, 06 jul. 2023. Disponível em: https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid02JjQ42UR9kSGZxHULh2991cWtMVjoV3Z4U7DY2Mgip3oUUDnE3DCA5Wbi61JQuPRwl&id=100064784973957&mibextid=Nif5oz. Acesso em: 14 jul. 2023.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton. **Por uma Economia Política da Cidade: o caso de São Paulo**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2012.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 18. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia Cidadã: por uma epistemologia da existência. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, n. 21, p. 7-192, ago. 1996. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/bgg/article/view/38613/26350>>. Acesso em: 19 dez. 2020.

SANTOS, Milton. **Ensaio sobre a urbanização latino-americana**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2017.

SECCHI, Leonardo. **Políticas Públicas: conceitos, esquemas de análise, casos práticos**. 2ª Edição. São Paulo, Cengage Learning: 2013.

SOARES, Ismar de Oliveira. Centenário de Paulo Freire: entrevista com Moacir Gadotti. **Comunicação & Educação, [S. l.]**, v. 26, n. 2, p. 16-28, 2022. DOI:10.11606/issn.2316-9125.v26i2p16-28. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/191288>. Acesso em: 14 out. 2022.

SOARES, Ismar de Oliveira. La Educomunicación y el Buen Vivir: una alianza posible. **Revista Encuentro**, SIGNIS, Equador, 2019. Disponível em: <<https://signisalc.org/la-educomunicacion-y-el-buen-vivir-una-alianza-posible/>>. Acesso em: 25 set. 2022.

VANDELBUCKE, Humberto. **Comunicar la Esperanza: camino al Buen (con) Vivir**. Quito: ALER, 2017. Disponível em: <https://aler.org/node/4271>. Acesso em: 01 out. 2022.

ZIBECCHI, Raúl. **Territorios em resistencia: cartografia política de las periferias urbanas latino-americanas**. Buenos Aires: Lavaca, 2008.